

NEODESCRITIVISMO SOBRE O CONCEITO DE ÁGUA E SUAS CONSEQUÊNCIAS¹

Claudio Ferreira Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte/CNPq

Resumo: Este artigo contém uma refutação do argumento da terra-gêmea de Putnam, do qual se conclui que o significado está “fora da cabeça”, além de uma breve refutação à sugestão de Kripke de que “Água é H₂O” exprime uma identidade necessária a posteriori. Essas refutações baseiam-se no desenvolvimento de uma análise neofregeana e neodescritivista mais elaborada do conceito de água no início do artigo.

Palavras-chave: Espécie natural, termos gerais, externalismo-internismo, terra-gêmea, identidade.

Abstract: In this paper a refutation of Putnam's twin-earth argument designed to show that the meaning is outside our heads is proposed. Moreover, Kripke's suggestion that “Water is H₂O” is a necessary a posteriori truth is refuted. These rebutals result from the development of a more elaborated neofregean and neodescriptivist analysis of the concept of water, which is done in the three first sections of the paper

Keywords: Natural kind, general terms, externalism-internalism, twin-earth, identity.

Quero aqui em primeiro lugar propor uma análise neo-fregeana e neodescritivista mais elaborada do significado da palavra ‘água’. Depois disso quero comparar as conseqüências dessa análise com a concepção externalista do significado dessa palavra em Hilary Putnam, mostrando que na explicação de sua fantasia da terra-gêmea e de outros fatos linguísticos as vantagens estão do lado da análise que proponho. Generalizações se deixariam facilmente derivar.

¹ Agradecimentos ao professor André Leclerc por objeções.

I

Considere, para começar, a concepção descritivista neo-fregeana tradicional do significado da palavra 'água'. Ela começa por definir fregeanamente o *significado* da palavra 'água' como sendo o seu *conteúdo de significação*, o seu *conteúdo conceitual*, que deve ser entendido como o seu *sentido* ou *modo de apresentação* (*Art des Gegebenseins*) fregeano, também chamado por esse filósofo de seu *conteúdo informativo* (*informative Inhalt*) ou *valor epistêmico* (*Erkenntniswert*). É importante explicitar muito claramente esse ponto para prevenir confusões decorrentes dos múltiplos sentidos da palavra 'significado', enfatizando que não estou falando do significado em seus sentidos menores, como é o caso, por exemplo, da função morfológica da palavra ou do sentido meramente literal da frase.

Até aqui o neo-fregeano com razão concorda com Frege. Mas ele também com razão discorda de Frege quanto à questão do status ontológico dos conteúdos informativos constitutivos do significado. Para Frege os sentidos e suas conjugações em pensamentos precisam ser entidades abstratas, platônicas, sendo essa uma admissão necessária para garantir a sua comunicabilidade. Mas para o neo-fregeano contemporâneo esse é um preço ontológico alto demais. Ele prefere localizar esses conteúdos de informação em nossas *cabeças*, por exemplo, na forma de instanciações cognitivas de convenções semânticas e suas combinações, pois a sua própria natureza convencional as torna intrinsecamente capazes de serem comunicadas.

Mais além, para o descritivista neo-fregeano o sentido da palavra 'água' só pode ser expresso linguisticamente na forma de descrições de propriedades fenomenais como as de transparência, falta de gosto e de odor etc. Esse sentido ou modo de apresentação, por sua vez, *determinaria* a referência e a extensão, tal como Frege sugeriu.

Essa maneira de ver contrasta com a concepção causal-externalista advogada por Hilary Putnam, segundo a qual o significado relevante da palavra 'água' não é aquilo que se instancia internamente em nossas cabeças na forma do que ele chamou de estereótipos, mas algo externo, que é determinado pela microestrutura essencial H₂O compartilhada pelos volumes líquidos que formam a extensão do conceito.

Uma primeira coisa a ser notada contra a maneira de ver tradicionalmente e quase que perversamente atribuída ao descritivismo neo-fregeano é que o descritivista não tem nenhuma obrigação de restringir-se a meras descrições de superfície de propriedades fenomenais perceptíveis, como a de ser um líquido transparente, inodoro e insípido, no caso da água. Como

bem percebeu Avrum Stroll, descrições também podem ser de ordem funcional ou dinâmica², denotando processos temporais como, por exemplo, ‘um composto que reage com oxigênio e ferro produzindo oxidação’. Além disso, também não há razão alguma para excluir a própria microestrutura essencial do alcance das descrições. Uma expressão como ‘composto químico com dois átomos de hidrogênio e um átomo de oxigênio’ não é menos descritiva do que ‘líquido transparente e inodoro que serve para beber’. Que tudo isso faz parte do significado fregeano da palavra ‘água’ é atestado de forma inquestionável por modernos dicionários nas mais diversas línguas. Assim, só para dar um exemplo, o melhor dicionário da língua portuguesa, o Houaiss, nos diz que a água é:

1. Substância (H₂O) líquida e incolor, inodora e insípida, essencial à vida da maior parte dos organismos e excelente solvente para muitas outras substâncias; óxido de hidrogênio
2. (hidrol.) a parte líquida que cobre 70% da superfície terrestre sob a forma de lagos, mares e rios.

Descrições como essa cobrem propriedades superficiais e profundas, funcionais ou não. Se quisermos defender um descritivismo consequente, minha primeira sugestão é admitirmos o ponto suficientemente óbvio de que definições de qualquer dicionário moderno resumizam descritivamente o significado da palavra ‘água’. Essas descrições, por sua vez, são expressões resumidas das convenções constitutivas do conteúdo informacional ou epistêmico da palavra.

II

Se a concepção descritivista que acabo de introduzir é correta, então o significado da palavra ‘água’ sofreu um crescimento histórico resultante do acréscimo de convenções constitutivas, sendo interessante investigá-lo. Começemos, pois, com o homem das cavernas.³ Como ele teria entendido o seu termo para designar aquilo que chamamos de ‘água’? Certamente, ao menos isso ele sabia:

² Ver STROLL, A. *Sketches and Landscapes: Philosophy by Examples*, cap. 2.

³ Se acharem esse apelo demasiado fantasioso eu sugiro pensarem no homem da idade do bronze ou então em alguma tribo indígena não contactada.

Água = líquido transparente, sem gosto e inodoro, que apaga a sede e apaga o fogo e que enche os rios, lagos e mares.

Esse é o único significado da palavra água que se identifica com o significado que Kripke e Putnam sugeriram que o descritivista defende que a água tem. Mas é preciso reconhecer que isso aconteceu já há muito tempo... A maioria de nossos conceitos sofre alterações semânticas bem conhecidas dos linguístas e a palavra 'água' não é exceção. No curso de vários milhares de anos, o significado dos termos equivalentes à palavra 'água' nas diferentes línguas tem em geral gradativamente sofrido alterações sob a forma de acréscimos. Aos poucos foram-lhe sendo adicionadas descrições de propriedades mais complexas, como as disposicionais. Eis algumas delas, que já se haviam adicionado às já mencionadas uns três séculos atrás:

Água = líquido que é um bom solvente, que não se mistura com óleos, que é mal condutor de eletricidade quando em estado puro, mas que a conduz muito bem quando misturado com sais, que reage em contato com o ferro produzindo ferrugem...

Tais descrições são funcionais ou dinâmicas, dizendo respeito a disposições que envolvem algum experimento. O núcleo de sentido que inclui as descrições já conhecidas pelo homem das cavernas, adicionadas ao que o senso comum informado já nos dizia por volta de 1700, constitui o que eu gostaria de chamar de o *sentido popular* da palavra 'água'.

Mas a evolução desse conceito não parou por aí. Entre 1760 e 1830 deu-se uma revolução em nosso entendimento do conceito de água.⁴ Em 1768 Lavoisier colocou hidrogênio e oxigênio em uma garrafa e aqueceu a mistura. O resultado foi uma explosão que liberou gás e água. Através dessa e de outras experiências ele acabou por concluir que a água é composta de duas porções de hidrogênio e uma de oxigênio. Em 1781 Cavendish fez na Inglaterra uma experiência similar usando fagulhas elétricas. Em 1783 Lavoisier conseguiu realizar o procedimento inverso, decompondo a água em oxigênio e hidrogênio. Em 1811 Avogadro estabeleceu a composição atômica da água como sendo HO_{1/2}, um resultado que foi corrigido por Berzelius, que finalmente estabeleceu a fórmula H₂O em 1821... Com o passar do tempo, mais e mais detalhes da microestrutura foram sendo descobertos, como o de que a água é um composto dipolar que tende a formar estruturas

⁴ Ver BALL, P. *A Biography of Water*. University of California Press: California, 2001, cap. 5.

isoméricas quando em estado líquido, o que determina propriedades macrofísicas, como a da alta tensão superficial.

As adições ao significado da palavra 'água' resultantes da investigação científica de sua microestrutura subjacente fizeram surgir então descrições microestruturais, que se centram na idéia de que:

Água = composto químico constituído de dois átomos de hidrogênio e um átomo de oxigênio (além de ser um composto dipolar etc).

Pode ser que essa descrição da microestrutura já constitua o essencial. Mas suspeito que o quadro mais completo não seja tão simples. Afinal, parece que faz parte de um conhecimento mais completo de que água é H₂O sabermos que $2H_2 + O_2 \rightarrow 2H_2O$. Além disso, parece que o químico não deixa de enriquecer o conhecimento do conteúdo do conceito ao saber que a ferrugem se forma pelo contato do ferro com a água pela equação geral $2Fe + O_2 + 2H_2O \rightarrow 2Fe(OH)_2$, ainda que essa seja uma contribuição mais apropriada ao entendimento da constituição de $2Fe(OH)_2$, como foi a fórmula anterior para o entendimento da formação de H₂O. Também parece que as descrições de superfície de experiências científicas como as de Lavoisieur, Cavendish, Avogadro e muitos outros fazem parte do que os químicos precisam saber para entenderem porque a água é composta de H₂O. Nesse caso parece que nosso entendimento da composição química se complementa através de uma grande variedade de relações inferenciais que nos permitem derivar o micro do macro representado por eventos de superfície e vice-versa. Parece que é a estrutura H₂O da água, chamada pelos químicos 'hidróxido de hidrogênio', 'óxido de hidrogênio', 'monóxido de dihidrogênio'... complementada por múltiplas descrições que a contém como elemento inferencial que constituem muito daquilo que os químicos tem em mente em seu entendimento do termo geral. Chamo a esse núcleo de significação, centrado na descrição microestrutural do composto, de *sentido científico* da palavra 'água', em contraposição ao seu núcleo de significação popular mencionado anteriormente.⁵

⁵ Vale notar que se entendido em um sentido suficientemente amplo, o descritivismo pode representar tudo aquilo que é indicado pelo rótulo de *inferencialismo semântico*. Com efeito, descrições que associamos a um termo podem muito bem explicitar qualquer coisa constitutiva do seu conteúdo inferencial específico. Sobre inferencialismo, ver BRANDON, R. *Articulating Reasons: An Introduction to Inferentialism*, cap. 1.

Aqui surge a questão. Em que medida a introdução dessas relações entre a estrutura química e outros fenômenos faz realmente parte do sentido da palavra 'água'? Uma resposta aparece quando comparamos esse caso com o caso das propriedades fenomenais macroestruturais da água inicialmente consideradas. A água é fenomenalmente, em primeiro lugar, um líquido transparente, inodoro e insípido... Mas a isso já havíamos juntado descrições de relações inferenciais: ela serve para aplacar a sede, para lavar, para apagar o fogo... mais tarde aprendendo que em contato prolongado com o ferro ela produzia ferrugem. Se admitimos que no sentido popular tudo isso têm a ver com o significado da palavra água (como os dicionários insistem em afirmar), devemos concluir que também deve ser assim quando tratamos do sentido científico da palavra, da água como 'hidróxido de hidrogênio', devendo o conhecimento das reações químicas e experiências relacionando macro e micro e vice-versa ter a ver com o conhecimento do conteúdo informativo (significado) que pode ser visado através da palavra palavra, tal como ele é conhecido de seus usuários privilegiados (como podemos mais detalhadamente constatar em léxicos e enciclopédias).

A objeção a essa sugestão não se deixa esperar: o número de relações inferenciais é aqui indeterminadamente amplo. Parece que se admitirmos isso recairemos em uma espécie indesejável de radical holismo semântico, segundo o qual qualquer coisa significa qualquer outra coisa, o que é o mesmo que dizer que nada significa coisa alguma. A resposta que me parece mais plausível consiste em considerar que as descrições funcionais relativas a vínculos inferenciais externos à fórmula química da água ou à sua descrição fenomenal contribuem para o significado da palavra 'água' apenas na medida em que estão mais próximas dos núcleos descritivos microfísico e macrofísico e que a contribuição para o significado diminui gradativamente com o afastamento desses centros, na medida em que ela passa a ser mais e mais contribuição para o significado dos *outros* termos relacionados. Eis porque saber que $2\text{H}_2 + \text{O}_2 \rightarrow 2\text{H}_2\text{O}$ é mais central para o entendimento do significado da expressão 'hidróxido de hidrogênio' do que para saber o sentido da palavra 'oxigênio'. Eis porque saber que $2\text{Fe} + \text{O}_2 + 2\text{H}_2\text{O} \rightarrow 2\text{Fe}(\text{OH})_2$ é bem mais central para o entendimento do significado de $2\text{Fe}(\text{OH})_2$, ou seja, da expressão 'hidróxido de ferro' (ferrugem) do que para o entendimento da expressão 'hidróxido de hidrogênio'. Isso nos dá algum *insight* sobre como as descrições que relacionam uma variedade de palavras conceituais distribuem proporcionalmente as suas contribuições para o conteúdo de significação dessas palavras sem que para tal os seus significados acabem por se dissipar na vacuidade de um verdadeiro holismo semântico.

Finalmente, gostaria de sugerir que o sentido ou significado – o conteúdo informativo – da palavra ‘água’, se entendido *em sua maior amplitude*, ou seja, quando a palavra é usada em contextos *suficientemente genéricos, não-restritivos* ou *topicamente neutros*, seja constituído hoje, em uma concepção descritivista conseqüente, *pelo conjunto dos dois núcleos – o popular e o científico – de significação da palavra*. É isso a meu ver o que os dicionários modernos buscam sumarizar e que se encontra menos sinteticamente exposto em léxicos e enciclopédias.

Aqui poderia entrar a velha objeção do externalista de que em geral sabemos muito pouco das descrições constitutivas do significado da palavra ‘água’. A maioria de nós quase nada sabe, por exemplo, de seu núcleo científico, exceto que se trata de H₂O. Uma primeira e fácil resposta é que para a compreensão dos argumentos que se seguem não será necessário mais do que a aceitação disso. Uma segunda e mais difícil resposta passa pela observação de que em muitos casos nosso conhecimento do significado como sentido fregeano – como conteúdo informativo – é realmente limitado. Todos nós conhecemos muito bem o significado de palavras triviais como ‘sapato’, ‘mesa’, ‘pedra’. Mas quando usamos termos com conotações científicas ou técnicas, nosso conhecimento do significado costuma se tornar incompleto no sentido de ser superficial, fragmentário, aspectual. Contudo, como somos cientes disso, o que precisamos para inserir tais termos corretamente no discurso é em geral muito pouco, ao menos em contextos suficientemente vagos, que são os mais comuns. Sempre que fazemos isso nós deferimos o completo conhecimento do significado a outras pessoas, aquelas que por uma razão ou outra poderiam ser chamadas de *usuários privilegiados* do termo, de modo que o sentido completo do termo é geralmente constituído, senão por aquilo que cada usuário privilegiado sabe, ao menos pelo conjunto daquilo que cada usuário privilegiado do termo sabe. (Considere, por exemplo, a expressão ‘teoria das cordas’. Quantos sabem o que isso em todos os detalhes significa? Tanto quanto estou informado, nem mesmo os teóricos das cordas). Quero com isso fazer um apelo ao que gostaria de chamar de uma divisão *cognitiva* do trabalho da linguagem, que seria essa divisão entendida de uma perspectiva internalista – uma idéia que já havia sido esboçada por um descritivista clássico como John Locke⁶ e que foi redescoberta por Hilary Putnam sob o seu próprio entendimento externalista.⁷

Assim também com a palavra ‘água’. Não obstante o fato dessa palavra poder ter como conteúdo de significação os conjuntos nucleados das

⁶ LOCKE, J. *An Essay Concerning Human Understanding*, 2.31.4-5, 2.32.12, 2.29.7, 3.10.22, 3.11.24.

⁷ Hilary Putnam: “The Meaning of ‘Meaning’”, in PUTNAM, H.: *Language and Reality, Philosophical Papers*, vol. 2, p. 227-229.

descrições superficiais e profundas recém-mencionadas, não é preciso que cada falante tenha em mente esses dois conjuntos, nem que os conheça em grandes detalhes, para dar sentido à palavra em um proferimento. Ele pode muito bem ter apenas uma vaga noção do significado da palavra ‘água’ e mesmo assim ser capaz de inseri-la corretamente em discursos com propósitos suficientemente genéricos, confiando na existência de usuários privilegiados capazes de completar o conteúdo de significação do termo.⁸

III

Outro ponto para o qual gostaria de chamar atenção é que aquilo que as pessoas têm em mente ao usar a palavra ‘água’ pode sofrer oscilações contextuais. Ou seja: o que se quer dizer quando se usa uma palavra pode variar com o *contexto de interesses* envolvido, ou seja, de acordo com razões pragmáticas envolvidas na interação comunicativa, variando com isso o significado, o valor cognitivo que se pretende com ela veicular. Quanto à palavra ‘água’ nós vemos isso acontecer claramente quando o contexto enfatiza um dos dois núcleos semânticos há pouco mencionados.

Mais circunstanciadamente, podemos dizer que há primeiro:

(A) contextos muito genéricos (topicamente neutros), nos quais realmente somos autorizados a ter em mente o conjunto formado pelos dois núcleos de significado – o científico e o popular.

Mas também há contextos que chamo de “Bs”, nos quais o que precisamos ter em mente é apenas um dos núcleos.

Primeiro imagine que o contexto de interesses seja o de uma comunidade de pescadores onde tudo o que as pessoas almejam é cavar um

⁸ Só não é possível que a pessoa não saiba realmente nada sobre o sentido do termo, ou então que associe a ele descrições que não são apenas incorretas, mas que são *divergentes* das que exprimem o sentido original, no sentido de nos fazer rejeitar as suas notas mais gerais. Esse é o caso da criança que pensa que o termo de espécie natural ‘baleia’ designa uma montanha na serra das Cajazeiras – descrição errônea e divergente – diversamente do caso da pessoa que pensa que a baleia é um grande peixe do mar – descrição errônea, mas convergente. Esse exemplo é paralelo ao do nome próprio ‘Einstein’ usado por Kripke, que considera que muitos americanos de seu tempo consideravam como abreviação da descrição errônea ‘o inventor da bomba atômica’. Contudo, essa descrição errônea é ainda assim convergente, pois guarda notas comuns com o portador do nome, que era um cientista e um ser humano. Se o usuário do nome ‘Einstein’ o associasse a uma descrição divergente como, por exemplo, o nome de um famoso diamante, ele seria certamente considerado incapaz de usar a palavra corretamente.

poço de modo a obter água doce para beber e para lavar. Nesse caso, o que importa se reduz a

(B1) o núcleo popular de significação da palavra.

As pessoas chamarão de água ao líquido que tiver as propriedades de superfície da água, sem se preocupar se a sua composição química é a de hidróxido de hidrogênio ou não, conquanto ele sirva adequadamente às suas funções básicas de aplacar a sede e lavar além de, obviamente, preservar a vida. Se fosse descoberto que o líquido que os pescadores tiram do poço tem uma estrutura química diversa de H₂O (sob o suposto de que estivesse assegurada nenhuma alteração nos efeitos práticos), incluindo nenhum dano à saúde, eles não encontrariam razão alguma para deixar de usar a palavra ‘água’ para denominar o líquido por eles usado.

Agora imagine, por contraste, que algumas pessoas estejam fazendo experimentos em um laboratório de química com o objetivo de decompor amostras de água através de métodos como o da eletrólise. Nesse caso, o que elas têm em mente é

(B2) o núcleo de significação científico da palavra.

Tudo o que for hidróxido de hidrogênio será para essas pessoas água, independentemente das propriedades de superfície que a amostra tiver, pois elas querem usar a palavra ‘água’ no sentido daquilo cuja estrutura química essencial é H₂O. Se uma parecida com o carvão, pétrea e de cor negra, tivesse a estrutura molecular H₂O, eles não hesitariam em chamá-la de água.

IV

Quero agora fazer uma primeira aplicação da forma de descritivismo que acabo de expor, usando-a para explicar sob uma perspectiva internalista o que acontece na famosa fantasia da terra gêmea sugerida por Hilary Putnam.⁹ De acordo com essa fantasia existe uma terra-gêmea que é idêntica a nossa em tudo, exceto pelo fato de que nela o líquido transparente e inodoro que aplaca a sede e apaga o fogo tem uma estrutura química XYZ e não H₂O. Nesse caso, se em 1750, pouco antes da descoberta da microestrutura da água, Oscar apontasse para um copo d’água e dissesse “Isso é água”, ele estaria se

⁹ Hilary Putnam: “The Meaning of ‘Meaning’”, in PUTNAM, H. *Language and Reality, Philosophical Papers*, vol. 2.

referindo a um líquido constituído por H₂O. Mas o seu *Doppelgänger* da terra gêmea, o Oscar-gêmeo, ao dizer “Isso é água” estaria se referindo a XYZ e não a H₂O. Com base nisso, Putnam faz o seguinte raciocínio. Como Oscar e Oscar-gêmeo em 1750 tinham em suas cabeças apenas descrições de superfície, as quais eram exatamente as mesmas, e como eles estavam realmente se referindo a coisas de naturezas diferentes e com extensões diferentes, o significado da palavra ‘água’ não poderia estar em suas cabeças, mas fora delas! O significado, em seu componente extensional, é externo e determinado pela estrutura química essencial do volume líquido apontado, o qual possui identidade-L (microestrutural) com os outros volumes líquidos de aparência similar. A isso pode ser acrescentado que a causa objetiva última dos proferimentos sempre teve uma natureza essencial diversa: em um caso ela era H₂O, no outro ela era XYZ.

Críticos de Putnam como A.J. Ayer, Eddy Zemach e D.H. Mellor, que preferiram se manter fiéis a uma posição descritivista ou neo-fregeana, sugeriram que a pretensa intuição semântica da fantasia putnamiana é incorreta.¹⁰ Oscar e Oscar-gêmeo não estavam apontando para coisas diversas. Eles estavam apontando para *a mesma espécie de coisa* – o mesmo líquido transparente, insípido, inodoro etc. E a prova disso é que o significado da palavra ‘água’ para eles já se mostra inteiramente expresso nas descrições de superfície (descrições que Putnam chamou de *estereótipos*).

Stroll, que compartilha dessa opinião, imagina que desde 1750 tivesse havido comércio entre as pessoas da terra e as da terra-gêmea, e que grandes quantidades de água fossem transportadas da terra para a terra-gêmea e vice-versa, sem que as estruturas moleculares do líquido em questão chegassem a ser conhecidas. Ora, se um dia forem, afinal, descobertas as diferenças nas estruturas químicas, as pessoas não concluirão que a água da terra-gêmea não é água. Elas concluirão apenas que é água *de um outro tipo*.

Se seguirmos a intuição dos neo-fregeanos, o problema de Putnam não chega a se colocar. Oscar e Oscar-gêmeo estavam apontando para a mesma espécie de referência porque tinham os mesmos sentidos determinadores da referência em suas cabeças. E a extensão seria também a mesma, cobrindo tanto a água da terra como a da terra-gêmea. Assim, não havendo desacordo algum entre o significado e os estados psicológicos dos Oscars, os significados podem ser considerados como estando sempre em suas cabeças.

É importante reconhecer que ambas as alternativas explicativas – a de Putnam e a dos seus críticos – são intuitivamente admissíveis, o que gera um

¹⁰ AYER, A. J. *Philosophy in the Twentieth Century*, p. 270. Ver também MELLOR, D. H. “Natural Kinds” e ZEMACH, E. “Putnam’s Theory on the Reference of the Substance Terms”.

dilema que é incômodo, tanto para os defensores do externismo semântico quanto para os descritivistas e fregeanos. Nenhum dos dois grupos é totalmente capaz de acomodar as intuições contraditórias.

V

É nesse ponto que entra o meu argumento. Ele se vale da análise neodescritivista do conceito de água proposta nesse artigo, além do velho princípio fregeano de que o sentido determina a referência. Defendo que o argumento que apresentarei se justifica não só por sua razoabilidade e por seu caráter claramente intuitivo, mas também por ser a única maneira de conseguir uma acomodação entre as duas intuições conflitantes. O argumento baseia-se na observação de que na verdade existe uma dupla interpretação possível para a referência feita pelos Oscars: a interpretação do ponto de vista *deles* e a interpretação do ponto de vista *nosso*. A primeira dá conta da intuição dos neo-fregeanos, enquanto a segunda dá conta da intuição dos putnamianos.

Consideremos primeiro a interpretação do ponto de vista dos Oscars. Nesse caso, aquilo que queremos levar em consideração é o significado da palavra 'água' tal como ele era conhecido pelas pessoas em 1750. Nesse caso devemos dar razão aos fregeanos. Pois a descrição que exprimia a significado da palavra 'água' era por essa época a de um líquido transparente, sem gosto e inodoro, que aplaca a sede e apaga o fogo e que enche os rios, lagos e mares, sendo um bom solvente que não se mistura com óleos etc.¹¹ Ou seja: descrições fenomenais e disposicionais e nada mais. Nesse caso interessamos por considerar apenas o núcleo de sentido popular da palavra 'água', que é exatamente o mesmo tanto para Oscar quanto para o Oscar-gêmeo, que tinham as mesmas descrições, o mesmo significado em suas cabeças. Mas como nesse caso tanto Oscar quanto Oscar-gêmeo estavam se referindo a mesma espécie de coisa com a mesma e única extensão, a igualdade do que eles tinham em suas cabeças é perfeitamente compatível com a idéia fregeana de que o significado determina a referência e a extensão.

¹¹ Putnam observa que em 1750 e mesmo muito antes já se assumia a existência de uma substância ou essência pura, comum às massas d'água. Mas como essa substância comum não podia ser determinada, tanto fazia para o que se queria dizer com a palavra 'água' que ela fosse H₂O ou XYZ. Além disso, a idéia de uma substância pura subjacente pode ter valido para os químicos pouco antes das descobertas de Lavoisier. Mas ela não valia antes disso, quando os volumes de água poderiam ser como os volumes de ar ou urina, que não passam de misturas. Se quisermos, aliás, é possível fazer regressar a fantasia aos Oscars das cavernas, ou da idade do bronze, que certamente sequer a idéia de um substrato comum poderiam ter.

Quanto à possível objeção e que a causa objetiva última dos proferimentos ser H₂O num caso e XYZ no outro, isso pouco importa, pois em 1750 as pessoas diriam que aquilo que realmente causou as diferentes impressões sensíveis foram as manifestações de superfície da água (líquido transparente, inodoro, insípido...), as quais eram as mesmas aqui e na terra-gêmea. Não há razão alguma, que eu saiba, para se privilegiar o discurso causal em termos moleculares sobre o discurso causal em termos das características macrofísicas no caso em questão.

Há, todavia, uma segunda maneira descritivista de analisar o que Oscar e Oscar gêmeo estavam dizendo, que é a de interpretar a questão da referência feita pelos Oscars sob nosso próprio ponto de vista. Essa interpretação corresponde exatamente à intuição seguida por Putnam, embora ele não a analisasse nesses termos. Ela vem a tona quando nos interessamos em colocar em pauta o núcleo de significado científico da palavra ‘água’, que mais tarde veio a ser descoberto. Nesse caso, obviamente, diremos que Oscar estava se referindo ao líquido com microestrutura H₂O, enquanto Oscar-gêmeo estava se referindo ao líquido com microestrutura XYZ. E nesse caso diremos que ambos os líquidos possuíam extensões muito diferentes, o primeiro se restringindo aos volumes de água da terra e o segundo aos volumes de água da terra-gêmea. Mas há aqui um ponto crucial que tem passado despercebido. É que no caso em questão estamos considerando o significado da palavra ‘água’ usada por Oscar e Oscar-gêmeo tal como ele é conhecido por *nós mesmos hoje*, mas não como ele era conhecido pelos Oscars em 1750, que não se encontram em condições de acessar a idéia de uma fórmula química nem mesmo se fossem químicos. Ora, mas se é assim, o que nós realmente estamos considerando não pode ser o que os próprios Oscars tinham em suas cabeças, como faz Putnam, mas simplesmente *o que nós mesmos hoje temos em nossas cabeças ao nos referirmos às referências dos Oscars!* Mas como o que temos em nossas cabeças ao pensarmos no proferimento “Isso é um copo d’água” dito por Oscar é claramente diferente do que temos em nossas cabeças ao pensarmos “Isso é um copo d’água” dito por Oscar-gêmeo, posto que, no primeiro caso, incluímos o conceito de H₂O, enquanto no segundo caso incluímos o conceito de XYZ (a assim chamada água-gêmea) no conteúdo do proferimento, isso faz com que o correlacionamento entre a variação do que é encontrado no mundo real e a variação do que acontece em nossas cabeças seja preservada. Ora, isso permite que os significados em questão sejam considerados como estando em nossas cabeças e determinando a partir delas, ao modo fregeano, as referências e extensões correspondentes.

Em um esclarecimento algo mais sofisticado podemos acrescentar que tudo o que fazemos é *projetar* os nossos próprios sentidos descritivos da palavra ‘água’ nos proferimentos dos Oscars, usando-os como *instrumentos*

indexicais para a nossa própria determinação fregeana de suas diferentes referências e extensões, as quais são em última instância determinadas pelos diferentes sentidos da palavra 'água' que temos em nossas cabeças.

O que essa dupla aplicação neo-descritivista e fregeana de nossas intuições de senso comum sugere é o inverso do famoso coloquialismo de Putnam: divida-se o bolo como quiser, o significado está sempre dentro da cabeça! Com efeito, a conclusão a que chegamos é que a resposta neo-descritivista que sugerimos para a questão do significado da palavra 'água' tem maior poder explicativo do que a resposta de Putnam, pois tanto explica a sua intuição de que os Oscars estavam se referindo a coisas diferentes como também explica a intuição dos filósofos neofregeanos, segundo os quais os Oscars estavam se referindo a mesma coisa com a mesma extensão.

O que fiz nesse artigo foi apenas desenvolver uma elucidação natural e a meu ver bastante convincente de idéias neo-descritivistas e neo-fregeanas, para então aplicá-las à fantasia da terra-gêmea, considerando-a do ponto de vista de quem realmente avalia a referência. Trata-se de uma explicação tão razoável que a falta de sua consideração na literatura chega a ser curiosa. Uma vez, porém, que a admitimos, tudo se deixa explicar sem maiores comoções. Não precisamos mais nos afastar da idéia extremamente plausível de que o significado é determinado por regras convencionais da linguagem, o que seria inevitável se o significado fosse alguma coisa externa, a pairar de algum modo fora das cabeças. Além disso, não precisamos mais ser forçados a concluir contra-intuitivamente que talvez não saibamos ainda ou talvez não venhamos a saber nunca o significado de muitos de nossos termos gerais, nem forçados a concluir que os Oscars em 1750 não conheciam realmente o significado da palavra 'água' no sentido próprio da palavra, o que para Putnam era decisivo, mesmo que eles fossem capazes de, por alguma mágica, entender esse significado, usá-lo referencialmente e comunicá-lo uns aos outros.¹²

¹² Como escreveu Putnam "Oscar1 and Oscar2 understood the term 'water' differently in 1750" (p. 224 de *Mind, Language and Reality*, grifo meu). Ele foi bem mais cuidadoso em *Representation and Reality*, onde tentou responder à objeção de que o significado era o mesmo dizendo que embora em 1750 os Oscars não pudessem ter critérios explícitos de identificação da substância água, eles sabiam o significado do termo no sentido comum de saberem *usá-lo corretamente no discurso* (p. 32). Mas isso é um subterfúgio sutil, pois mesmo assim eles não possuíam o que para Putnam é essencial, o uso de quem entende o significado extensional do termo determinado pela microestrutura essencial. Tudo o que eles tinham como determinante objetivo do uso correto no discurso era o que Putnam chama de significado como estereótipo, o qual era o mesmo na cabeça de ambos os Oscars. Além disso, por falta daquele mesmo significado dito extensional, o uso da palavra era limitado: se fosse mostrada aos Oscars uma experiência com a eletrólise, por exemplo, eles não poderiam dizer que as duas porções de hidrogênio por uma porção de oxigênio resultantes são constituintes moleculares da água da terra,

VI

Uma segunda interessante consequência concerne à frase de identidade “Água é H₂O”. Como Kripke a analisou, ela possui um status epistêmico especial: ela exprime uma verdade necessária e a posteriori. É a posteriori porque foi descoberta pela ciência; é necessária porque ‘água’ e ‘H₂O’ são designadores rígidos, aplicáveis à mesma substância em qualquer mundo possível.¹³

Na análise proposta o conceito de água pode adquirir ao menos três sentidos (A), (B1) e (B2). A frase “Água é H₂O” entendida como uma frase de identidade é falsa nos sentidos (A) e (B1). Ela só possui o sentido de identidade no contexto de interesse que envolve (B2), em que o ‘é’ pode ser substituído por ‘é o mesmo que’ ou ‘=’. Mas nesse caso a palavra ‘água’ é usada no sentido de ‘hidróxido de hidrogênio’ e o que estamos realmente querendo dizer é:

Hidróxido de hidrogênio é (o mesmo que) H₂O.

Mas como ‘hidróxido de hidrogênio’ é por definição H₂O, o que estamos realmente afirmando é “H₂O = H₂O”, ou seja, uma tautologia analítica e não uma identidade descoberta a posteriori. A frase “Água é H₂O” não expressa, pois, nenhuma verdade necessária à posteriori, se é que isso existe.

Referências bibliográficas

- AYER, A. J. *Philosophy in the Twentieth Century*. New York: Vintage 1983.
- BALL, P. *A Biography of Water*. California: University of California Press 2001.
- BRANDON, R. B. *Articulating Reasons: An Introduction to Inferentialism*. Cambridge Mass: Harvard University Press, 2000.
- DEVITT, M. & STERELNY, K. *Language and Reality: An Introduction to the Philosophy of Language*. 2. ed. Oxford: Blackwell Publishers 1999.
- DUPRÉ, J. *The Disorder of Things: Metaphysical Foundations of the Disunity of Science*. Harvard University Press: Cambridge MA, 1993.

mas não da água-gêmea. Mas se o uso era limitado nesses pontos essenciais é porque naquela época o significado no sentido que para Putnam é relevante obviamente não existia.

¹³ KRIPKE, S. *Meaning and Necessity*, p. 128, 134 e 150.

- FREGE, G. "Sinn und Bedeutung", in *Zeitschrift für Philosophie und philosophische Kritik*, NF 100, 1892.
- _____. "Der Gedanke", in *Beiträge zur philosophie des deutschen Idealismus I*, 2, 1918, p. 58-77.
- HEMPEL, C. *Philosophy of Natural Science*. Englewood Cliffs: Prentice Hall 1967.
- KORNBLITH, H. "Referring to Artifacts", in *Philosophical Review* 89, 1980, p. 109-114.
- KRIPKE, S. *Naming and Necessity*. Cambridge Mass.: Harvard University Press 1980.
- LAPORTE, J. *Natural Kinds and Conceptual Change*. Cambridge: Cambridge University Press 2004.
- LOCKE, J. *Essay Concerning the Human Understanding*. Oxford: Oxford University Press 1979.
- MELLOR, D. H. "Natural Kinds", in *British Journal for the Philosophy of Science*, 28, 1977, p. 299-312.
- PUTNAM, H. "The Meaning of 'Meaning'", in GUNDERSON, K. (ed.). *Language, Mind and Knowledge*. Mineapolis: Minnesota University Press, 1975, p. 131-193. Reimpresso em PUTNAM, H. *Mind, Language and Reality; Philosophical Papers*. Cambridge Mass.: Cambridge University Press, 1975, vol. 2.
- _____. *Representation and Reality*. Cambridge Mass.: MIT press, 1991.
- SCHWARTZ, S. "General Terms and Mass Terms", in DEVITT, M. & HANLEY, R. *The Blackwell Guide to Philosophy of Language*. Oxford: Blackwell 2006, p. 283.
- STERELNY, K. "On Natural Kind Terms", in *Pacific Philosophical Quarterly* 44, 1983, p. 110-125.
- STROLL, A. *Sketches and Landscapes: Philosophy by Examples*. Cambridge Mass.: MIT-Press, 1996.
- _____. *Twentieth Century Analytic Philosophy*. New York: Columbia University Press, 2000.
- ZEMACH, E. "Putnam's Theory on the Reference of the Substance Terms", in *Journal of Philosophy* 73, 1986, p. 116-127.
- WITTGENSTEIN, L. *Philosophische Untersuchungen*. Frankfurt: Suhrkamp, 1983, *Werkausgabe*, vol. 1.

EMAIL: oidualc1@oi.com.br

RECEBIDO: Novembro/2011
APROVADO: Novembro /2012